

A Cerâmica Tupinambá na Serra de Santana – RN: o sítio arqueológico Aldeia da Serra de Macaguá I

Mônica Nogueira

INTRODUÇÃO

A Área Arqueológica do Seridóⁱ, localizada no estado do Rio Grande do Norte, caracteriza-se pelo seguinte padrão de assentamento: ocupações de abrigos sob rocha por grupos de caçador-coletores. Nesses sítios, os principais vestígios encontrados são: registros rupestres e estruturas funerárias. No entanto, poucos abrigos possuem condições físicas propícias para a ocupação humana (MARTIN, 2008). Por esse motivo, a maioria das ocupações registradas consiste em sítios compostos por pinturas e/ou gravuras rupestres (MARTIN, 2008).

Neste contexto, o registro de sítios lito-cerâmicos associados à cerâmica Tupinambá oferece uma nova perspectiva para o estudo da ocupação humana da Área Arqueológica do Seridó. Esses sítios foram localizados no topo da Serra de Santana, nos municípios de Florânia, Tenente Laurentino da Cruz e São Vicente – RN.

183

Dos sítios identificados, a Aldeia da Serra de Macaguá I vem sendo alvo de intervenções arqueológicas. Até o momento foram realizadas duas campanhas, ambas no ano de 2009.

O sítio Aldeia da Serra de Macaguá I encontra-se assentado no topo plano da Serra de Santana, no município de Ten. Laurentino Cruz. Caracteriza-se pela presença de 4 manchas húmicas, dispostas de maneira a formar um grande pátio central. O material arqueológico identificado em maior densidade consiste em fragmentos cerâmicos com bordas reforçadas, apresentando vários tipos de tratamentos de superfície: simples, pintado em vermelho, pintado em vermelho e preto sobre branco e escovado. Os fragmentos líticos identificados constituíam-se em polidores em canaleta, lascas de sílex, adornos como contas de colar em amazonita e quartzo e um tembetá em amazonita. Também foram coletados artefatos que apresentam cronologia histórica, como: cerâmica neobrasileira, louça, grês, vidros, metal e contas de colar de vidro.

As áreas serranas do semiárido nordestino, conhecidas como brejos de altitudes, formam verdadeiros refúgios ecológicos em meio à caatinga. Tais lugares possuem uma diversidade de recursos naturais que favoreceram o estabelecimento dos grupos pré-históricos.

Pesquisas arqueológicas indicam a ocupação dessas áreas mais úmidas do semiárido por grupos ceramistas que praticavam o cultivo da mandioca. Tais grupos poderiam estar relacionados à cerâmica Tupinambá. Essas ocupações foram descritas como densas e caracterizadas por amplas aldeias, o que indicaria uma adaptação a um ambiente

aparentemente hostil. As formas cerâmicas identificadas nos sítios estudados seriam compatíveis com o processamento da mandioca. Vale salientar que as áreas de brejo de altitude são conhecidas pelas suas condições ecológicas favoráveis ao cultivo dessa raiz (ALBUQUERQUE, 1991a; MARTIN, 2008).

As características ambientais da Serra de Santana assemelham-se com aquelas também identificadas na Chapada do Araripe, PE. Trabalhos realizados na região apontam para uma ocupação de grupos ceramistas pré-históricos que podem estar vinculados à Subtradição Tupinambá (ALBUQUERQUE, 1991a e 1991b; NASCIMENTO, 1991; OLIVEIRA, 2000; SENA, 2007; NETO, 2008).

A partir destes novos dados para as pesquisas na área do semiárido potiguar, trabalhamos com os seguintes questionamentos:

- A tecnologia cerâmica do sítio Aldeia da Serra de Macaguá I apresenta semelhanças tecnológicas com a cerâmica dos sítios de grupos ceramistas identificados em outras regiões do sertão nordestino, como no caso dos sítios da Chapada do Araripe?
- A relação tecnológica e o padrão de assentamento dos grupos ceramistas de ambas as áreas em comparação permitem afirmar que os sítios registrados podem ser filiados ao mesmo horizonte cultural?

184

O horizonte cultural identificado no sítio Aldeia da Serra de Macaguá I pode ser filiado à Subtradição Tupinambá, da Tradição Policroma Amazônica?

A partir dessas perguntas, foram formuladas as seguintes hipóteses:

O sítio Aldeia da Serra de Macaguá I apresenta tecnologia cerâmica semelhante ao sítio Aldeia do Baião, considerando que ambas as áreas apresentam condições edafoclimáticas semelhantes e o tipo de subsistência praticado por esses grupos.

Ambos os sítios pertencem ao mesmo horizonte cultural, e estão relacionados à subtradição Tupinambá de cerâmica.

O material cerâmico, assim como os artefatos líticos, pode oferecer elementos que, até o presente momento não puderam ser levantados para o sítio em análise: como, por exemplo, o estudo da cadeia tecnológica, os modos de subsistência e as formas de captação de recursos. A análise comparativa entre a tecnologia dos grupos ceramistas do semiárido potiguar com os grupos pertencentes aos padrões estabelecidos em outras áreas do Nordeste pode contribuir para a caracterização de um dos grupos ceramistas que ocuparam esta região.

APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O presente trabalho utiliza-se de conceitos desenvolvidos pela Ecologia Cultural, que buscou reforçar a concepção de cultura como um referencial dinâmico, muito sensível a mudanças extraculturais de origem biológica ou inorgânica. Nesta abordagem, as culturas representariam sistemas abertos e não fechados em si mesmos (VIERTLER, 1988).

Os artefatos apresentam como propriedade fundamental a transformação da matéria-prima, ou seja, todo artefato tem como finalidade operar uma transformação. O mesmo encontra-se inserido dentro de um processo técnico, de uma estrutura técnica². O objeto existe apenas no seu ciclo operacional, contudo um mesmo objeto pode ser produto de diferentes atividades humanas (BINFORD, 1994).

Já o sistema técnico representa, segundo Gille (1978), um estágio da evolução técnica e, por outro lado, permite operacionalizar as relações que a técnica mantém com outros domínios: o econômico, o social, o simbólico e o ecológico.

Em outras palavras, um sistema técnico pode ser definido como um conjunto de estruturas, no qual cada uma pode ser representada por um perfil técnicoⁱⁱ. Este sistema corresponderia ao conjunto específico de técnicas desenvolvidas por um grupo, no qual as técnicas possuem diferentes níveis ou planos, com princípios qualitativamente distintos que se associam e se completam, constituindo um “nível estrutural³” (ALVES, 1991; LUNA, 1991; NASCIMENTO, 1991; OLIVEIRA, 2000).

185

A análise da cerâmica do sítio Aldeia da Serra de Macaguá I teve como principal objetivo, identificar os elementos tecnológicos específicos empregados na elaboração das cerâmicas deste sítio, para que dessa forma fosse possível a definição do seu perfil cerâmico.

Nesta perspectiva, para o estabelecimento do perfil cerâmico, optou-se por trabalhar os artefatos cerâmicos em dois níveis de informação. O primeiro nível seriam os fragmentos, no qual são estabelecidas as características dos meios materiais e procedimento adotados na manufatura das cerâmicas. O segundo nível é composto pelos objetos. Neste nível de informação, buscaram-se as relações entre os elementos técnicos, funcionais e decorativos (OLIVEIRA, 2000).

RESULTADO DAS ANÁLISES DA CERÂMICA DO SÍTIO ALDEIA DA SERRA DE MACAGUÁ I

No conjunto cerâmico do sítio Aldeia da Serra de Macaguá I foi observada a utilização de três tipos de pasta distintos, utilizados para a confecção dos utensílios cerâmicos. Nas três pastas foram registradas as presenças de grãos de quartzo e feldspato, variando a quantidade e a distribuição desses minerais na massa argilosa.

Foram identificadas duas técnicas de manufatura dos objetos: a roletada, para todas as vasilhas analisadas, e a modelada, para fabricação dos fusos e apêndices.

O acabamento dos objetos foi realizado com o emprego das seguintes técnicas de tratamento de superfície: alisado, pintado, engobo, polido e escovado. As duas técnicas mais frequentes observadas foram a alisada e o pintado. Percebe-se a utilização de pelo menos um destes tipos nos fragmentos e objetos analisados.

A decoração utilizada nas superfícies dos objetos analisados apresentou uma grande variedade de motivos e associações de traços. O grupo 1, aquele cujas decorações são realizadas com traços retos, foi a mais empregada (35%). Contudo, o grupo 3 (33%), aquele cujas decorações são realizadas com a associação de traços retos e curvas, foi o que apresentou mais variações, quanto à associação entre os diversos tipos de traços retos e curvos que podem ser realizados. Os motivos foram realizados com a associação das cores vermelha e branca e em apenas pouquíssimos casos com as cores vermelha e preta sobre engobo branco, ocorrendo com mais frequência nos objetos fabricados com a pasta 2.

As características morfológicas das vasilhas são as seguintes: bordas reforçadas (83%) e diretas (16%), e em menor quantidade bordas extrovertidas, introvertidas e dobradas. As bordas apresentam lábios arredondados, planos e mais raramente, apontados. Quanto aos bojos, predominam aqueles de contornos simples (93%). Já as bases identificadas são do tipo: arredondadas (39%), cônicas (23%) e planas (17%).

As formas reconstituídas foram: a elipsoide horizontal, ovoide e cônica. Todas as vasilhas reconstituídas são abertas, o que não implica dizer que o conjunto de vasilhame do sítio só apresenta formas abertas, uma vez que o número dos fragmentos que permitiam a reconstituição da forma do objeto é pequeno, em relação ao universo de fragmentos analisados. A frequência maior é de vasilhas do tamanho PP.

Os fusos foram confeccionados na maior parte com a pasta 3 e apresentam tratamento de superfície alisado ou engobo vermelho. Possuem duas formas: discoidal e planisférica. Apresentaram grande variação de tamanho, onde o menor é de 1,5 cm e o maior é de 5,0 cm.

Após a elaboração do perfil cerâmico do sítio Aldeia da Serra de Macaguá I, visou-se à análise deste perfil em relação ao perfil cerâmico do sítio Aldeia do Baião, localizado no município de Araripina-PE.

O sítio Aldeia do Baião localiza-se no extremo oeste do estado de Pernambuco, limite com o estado do Piauí. O sítio encontra-se assentado no sopé da Chapada do Araripe, numa área de aproximadamente 2.500 m². Constituído por sete manchas húmicas e áreas de concentração de vestígios arqueológicos, possui forma entre circular e elíptica, tendo todas as áreas em torno de 130 m³ a 400 m² (NASCIMENTO, 1990; 1991).

A escolha desse sítio se deu pelo mesmo ter sido estudado sob a mesma metodologia aplicada na análise do Macaguá I. Além disso, ambos os sítios encontram-se localizados em ambientes semelhantes, apresentando um contexto arqueológico parecido, como a forma de como a aldeia encontrava-se distribuída e os tipos de vestígios identificados nos dois sítios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise dos elementos que compõem o perfil cerâmico do sítio Aldeia da Serra de Macaguá I, pode-se concluir que o mesmo apresenta semelhanças com o perfil cerâmico do sítio Aldeia do Baião. Alguns elementos que se apresentaram distintos são considerados universais e não indicam necessariamente diferenças no perfil.

Os dois sítios apresentam perfis cerâmicos semelhantes que podem vir a representar um perfil técnico cerâmico. As características básicas entre os perfis dos dois sítios são as seguintes:

- 1 – Presença de tigelas de tamanho muito pequeno, médio, grande;
- 2 – Predominância de vasilhas pintadas em detrimento das vasilhas com tratamento de superfície alisado, polido ou com decoração plástica;
- 3 – Presença de motivos decorativos nas cores vermelha sobre fundo branco e vermelha e preta sobre branco, apresentando diversas associações entre os traços desenhados; presença de mica em pó misturada aos pigmentos empregados no desenho dos motivos;
- 4 – Vasilhas de formas elipsoides horizontais, planas e cônicas;
- 5 – Vasilhas com bordas diretas e bases convexas e vasilhas com bordas reforçadas e bases convexas;
- 6 – Vasilhas com apliques de asa ou alça;
- 7 – Utilização de bolos de argilas e cacos de cerâmica como aditivos;
- 8 – Presença de fusos.

187

O perfil cerâmico identificado no sítio Aldeia da Serra de Macaguá I apresenta características tecnológicas semelhantes aquela da Tradição Policroma Amazônica, subtradição Tupinambá. A característica principal da tecnologia cerâmica desses grupos é a utilização de bolo de argila e cacos de cerâmica como aditivos, presença de decoração policroma nas cores vermelha, preta e branca e, em menor proporção, o marrom e o cinza, produção de pratos, panelas, tigelas e jarros associados ao armazenamento e processamento da mandioca.

Quanto ao padrão de assentamento, as duas áreas encontram-se relacionadas ao padrão de assentamento associado aos grupos da Cerâmica Tupinambá. O padrão de assentamento Tupinambá é caracterizado pela ocupação de amplas áreas que ofereçam recursos naturais

suficientes para a manutenção do modo de vida, bem como o cultivo da base alimentar desses grupos, no caso a mandioca. Assim, o sítio Aldeia da Serra de Macaguá I encontra-se assentado em uma área propícia para o estabelecimento desses grupos ceramistas, pois, apresenta um ambiente semelhante àquele da floresta tropical ao qual esta tradição está vinculada.

A análise do material lítico do sítio poderá fornecer mais dados para a caracterização desses grupos na área da Serra de Santana. Também poderá, no caso específico do sítio Macaguá I, ajudar na caracterização do tipo de assentamento em que se constituía esse sítio dentro do território de domínio dos grupos vinculados à Cerâmica Tupinambá. Contudo, este tipo de análise só poderá ser realizada com a continuidade das pesquisas e o registro de novos sítios, bem como a realização de escavações em superfície amplas para o estudo da funcionalidade intra-sítio.

A presença de materiais arqueológicos de cronologia histórica (grês, louça, contas de vidro) levantou o seguinte questionamento: seria o sítio Aldeia da Serra de Macaguá I um sítio de contato entre indígenas e europeus no sertão potiguar?

188 Registros documentais fazem referência a assentamentos tupis em algumas áreas do semiárido nordestino durante os séculos XVII e XVIII (VIEIRA, S/N, p. 05; STUART FILHO, 1962 *apud* SILVA, 2003, p. 187). Para o sertão potiguar, a documentação mais relevante consiste no diário de viagem escrito por RouloxBaro (BARO, 1979).

Historicamente registrados como ocupantes do litoral brasileiro e inimigos dos Tapuias, a inserção dos Tupis neste contexto pode, à primeira vista, parecer contraditória. Contudo, a ida de Baro ao sertão dava-se em uma conjuntura na qual esses grupos, ao invés de fortalecer alianças com portugueses, como no caso de Antônio Filipe Camarão, ou estabelecer acordos com os holandeses, preferiram se aliar aos grupos Tapuias do sertão do Rio Grande. No entanto, não se pode descartar a possibilidade dessas migrações acontecerem antes do século XVII (MACEDO, 2007).

Contudo, as informações documentais sobre esse tipo de assentamento no sertão nordestino ainda são ambíguas, somente com a associação de uma pesquisa histórica aprofundada com escavações arqueológicas poderão fornecer dados mais concretos para responder a questão levantada.

Nesta perspectiva, a Serra de Santana se apresenta como uma área de refúgio para os Tupinambás históricos, que, vindos do litoral, buscavam territórios livres da dominação, onde pudessem estabelecer seu modo de vida.ⁱⁱⁱ No entanto, a densidade de sítios registrados no contexto do semiárido e a seleção de lugares específicos nos quais é possível o estabelecimento de uma cultura de floresta tropical demonstram um “reconhecimento” geográfico que pode indicar antigas rotas de povoamento, as quais ainda não foram bem estabelecidas no Nordeste brasileiro (ALBUQUERQUE, 1991a, SCATAMACCHIA,

1990). Dessa forma, a presença da cerâmica Tupinambá na Microrregião da Serra de Santana aponta para algumas possibilidades de interpretação que só poderão ser verificadas com a continuidade das pesquisas e a definição de uma cronologia para os novos sítios registrados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, professora Gabriela Martin, a todos que fazem parte do NEA/UFPE e à CAPES. Ano de conclusão: 2011.

Mônica Nogueira

Pesquisadora do Instituto Nacional de Arqueologia, Paleontologia e Ambiente do Semi-Árido (INAPAS).

E-mail: monica.aan@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, M. 1991a. Ocupação Tupiguarani no estado de Pernambuco. *Clio*. N. 4. Pp. 115-116.

_____. 1991b. Cultivadores pré-históricos no semi-árido: aspectos paleoambientais. *Clio*. N. 4. Pp. 117 – 118.

ALVES, C. 1991. A Cerâmica Pré-Histórica no Brasil: Avaliação e Proposta. *Clio*. V. 1 (7). Pp. 11-88.

BARO, R. 1979. *História das Últimas Lutas no Brasil Entre Holandeses e Portugueses e Relação da Viagem ao País dos Tapuias*. São Paulo: Editora Universitária da USP.

BINFORD, L. R. 1994. *En Busca del Pasado*. Barcelona: Crítica.

BUCAILLE, R.; PESEZ, J.M. 1989. *Enciclopédia Einaudi*. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. 16.

190 BUNGE, M. 2002. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Perspectivas.

GILLE, B. 1978. *Encyclopédie de la Pléiade*. Paris: Gallimard.

LUNA, S. 1991. O sítio Sinal Verde – São Lourenço da Mata, PE: uma aldeia pré-histórica na zona da mata pernambucana. *Clio*. V. 1 (7). Pp. 89 – 142.

MACEDO, H. A. M. de. 2007. *Ocidentalização, territórios e populações indígenas no sertão do Rio Grande*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil.

MARTIN, G. 2008. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. Recife: Editora Universitária, UFPE.

NASCIMENTO, A. 1990. *A Aldeia do Baião, Araripina-PE: um sítio pré-histórico cerâmico no sertão pernambucano*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.

_____. A Aldeia do Baião, Araripina - PE: um sítio pré-histórico cerâmico no sertão pernambucano. *Clio*. V. 1 (7). Pp. 143 – 205.

NETO, W. M. 2008. *Tecnologia lítica dos grupos ceramistas da Chapada do Araripe: análise dos sítios arqueológicos do município de Araripina, Pernambuco, Brasil*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Pernambuco, Recife Brasil.

OLIVEIRA, C. 2000. *Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no sudeste do Piauí – Brasil*. (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

SCATAMACCHIA, M. C. R. 1990. *A Tradição Polícroma no Leste da América do sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá: fontes arqueológicas e etno-históricas*. (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

SENA, V. K. 2007. *Caracterização do Padrão de Assentamento dos Grupos Ceramistas no Semi-árido Pernambucano: Um Estudo de Caso dos Sítios Arqueológicos de Araripina – PE*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.

SILVA, K. V. 2003. *Nas solidões vastas e assustadoras: os pobres do açúcar e a conquista do sertão de Pernambuco nos séculos XVII e XVIII*. (Tese de Doutorado) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.

VIEIRA, P. Antônio.s/a. *Relação da Missão da Serra de Ibiapaba*.

VIERTLER, R. B. 1988. *Ecologia cultural: uma antropologia de mudança*. São Paulo: Ática.

Notas

ⁱ Definimos o conceito de área arqueológica como uma categoria de entrada que permite a classificação de um nicho arqueológico, no qual ainda não foram definidos os limites culturais e cronológicos dos assentamentos identificados (MARTIN, 2008).

ⁱⁱ O conceito fundamental para uma análise das estruturas técnicas é o de cadeia operatória, isto é, de um processo que conduz de uma matéria-prima bruta a um produto acabado. (BUCAILLE e PESEZ, 1989). Entende-se estrutura como uma “propriedade de todos os sistemas, quer conceituais ou materiais, naturais ou sociais, técnicos ou semióticos. A estrutura de um sistema é o conjunto de todas as relações entre seus componentes, particularmente aqueles que mantêm o sistema unido” (BUNGE, 2002: 129).

ⁱⁱⁱ Entendemos aqui área de refúgio como os locais tradicionalmente não ocupados pelos grupos indígenas da família linguística Tupi-guarani, mas que, devido à pressão exercida pelo colonizador europeu no litoral, foram obrigados a buscarem novas áreas para poderem estabelecer seu modo de vida.